

# Crónica de onomástica paleo-hispânica (24)

\* DGPC.  
afaria@dgpc.pt

António Marques de Faria\*

**Resumo** Tal como as 23 anteriores, a presente crónica consiste numa revisão crítica de NNL e, sobretudo, de NNP pré-latinos testemunhados na Península Ibérica.

**Abstract** This paper is the latest of a series in which the author reviews several pre-Latin place names and, mainly, personal names attested in the Iberian Peninsula.

**abeli[r?]**. Cálato de cerâmica ibérica. Tarragona. Panosa, 2015, pp. 117–118.

As insuficiências evidenciadas por Panosa (2009, pp. 183–184) na abordagem ao grafito cerâmico em análise, por nós expostas há alguns anos (Faria, 2009 [2010], p. 157), voltaram agora a ficar à vista (Panosa, 2015, pp. 117–118), não tendo esta autora sabido identificar um só paralelo para o NP fragmentário a individualizar na dita inscrição.

AENIBELI (dat.). Pedestal de mármore. *Saetabis* (Játiva, Valência). *CIL* II 3621.

A \**Aenibelis* subjaz o NP híbrido (ibero-celta) \**Aenibeles* (Albertos, 1960, p. 289) ou \**Aenibel*. O primeiro componente ocorre em vários NNP célticos, entre os quais *Aine* (Delamarre, 2007, p. 15), *Ainecus* (EDCS-51700004), *Ainicus* (Delamarre, 2007, p. 15), *Ainicesi* (gen.)

(Delamarre, 2007, p. 15), *Aenisatus/Ainisatus* (Delamarre, 2007, p. 13), *Ainixta* (EDCS-52302180; EDCS-52302183, *Aenimari* (gen.) (EDCS-43200069) e *Aeno/Aenus* (Delamarre, 2007, p. 13). Dada a abundância de NNP em cuja composição entra *aeni-/aini-*, afigura-se-nos agora menos provável que \**Aenibelis* configure uma hipercorreção de \**Enibeles* ou de \**Enibel*, tal como defendemos há alguns anos (Faria, 2007a, p. 180), uma ideia nossa que, tal como muitas outras, foi despudoradamente copiada por Rodríguez (2014, p. 147). É verdade que as marcas de oleiro *Ainibinus* e *Enibinus* (Schmidt, 1957, p. 208; Delamarre, 2007, p. 15; Vallejo, 2013, p. 139) poderiam testemunhar uma correspondência entre *aeni-* e *aini-* se não se desse o caso de as mesmas não passarem de leituras erróneas do NP *Balbinus* (Hartley, Pengelly & Dickinson, 1994, p. 103).

Não vislumbramos, por conseguinte, qualquer razão conducente a apoiar uma segmentação de \*Aenibelis em \*ain-i-beles (MLH III 1, pp. 209, 216; Rodríguez, 2002 [2003], p. 253, 2014, p. 131; Simón, 2015a, p. 183, n. 17, 2015b, p. 337) ou em \*ain-i-bels (Rodríguez, 2014, p. 131; Simón, 2015b, p. 337).

**aPuloraun.** Mosaico. \*Andelo (Muruzábal de Andiñón, Navarra). Mezquiriz, 1991–1992, pp. 365–357; MLH IV K.28.1.

Não é nossa intenção voltar a arrolar todos os *comparanda* que coligimos noutras ocasiões para cada um dos três elementos do NP em questão (Faria, 1992–1993, p. 278, 1993, pp. 157–158, 1994a, p. 68, 2000a, pp. 122–123, 2002a, pp. 121–122, 2003a, p. 215, 2003b, p. 314, 2004a, p. 302, 2011 [2012], p. 148, 2013, p. 188).

Cumpra-nos, em contrapartida, notar com preocupação que Simón (2015a, pp. 105–106) tenta desqualificar a nossa exegese ao sentenciar que os elementos onomásticos *abu* e *lor* “carecen de paralelos satisfactorios en el repertorio de componentes antropónimos”. Trata-se de uma alegação que, pelo facto de não assentar em qualquer tipo de prova, é reveladora de uma surpreendente leviandade. Simón teria de explicar por que razão não considera satisfatório nenhum dos seguintes paralelos: **abuiber** (G.1.7; Faria, 2008b [2009b], p. 77, 2011 [2012], p. 148), **aPuTuñ** (D.3.1; Faria, 1992–1993, p. 278, 1994a, pp. 66, 68, 2000a, p. 123, 2000b, p. 62, 2011 [2012], p. 148), **aibelor** (G.16.1; Faria, 2000a, p. 123, 2003b, p. 314, 2004a, p. 294), **lorsaf** (Solier, 1979, p. 84; Faria, 1997, p. 111, 2000a, pp. 123, 127, 2002a, p. 127, 2003b, p. 314, 2004a, p. 308) e **lorsur** (Solier, 1979, p. 83; Faria, 1994a, p. 68, 1999a, p. 154, 2000a, p. 123, 2004a, p. 308, 2007a, p. 167, 2007b, p. 214).

Resta-nos aduzir mais um *comparandum* para o segundo segmento de **aPuloraun**: trata-se do NP **lorisCe[r?]** (Ferrer & Escrivà, 2015, pp. 147, 155).

Infelizmente, a atitude assumida por Simón em relação à nossa teoria tendente a sustentar, através da apresentação de paralelos onomásticos, uma origem ibérica para **aPuloraun** repetiu-se com **liCine**: os *comparanda* ibéricos aduzidos para este último NP (Vicente & alii, 1991, p. 122, 1993, pp. 755–756; Faria,

1992a, p. 193, 1992–1993, p. 278, 1993, pp. 153, 157, 1997, p. 109, 2000a, p. 124, 2011 [2012], p. 172) foram completamente silenciados pelo mesmo autor (Simón, 2015a, pp. 99, 116).

**baicafeceáf.** Skyphos ático de verniz negro. San Julià de Ramis (Gerona). Ferrer, 2011, p. 216.

Este grafito deverá identificar o dono do vaso — *Baicafeceáf* — seguido do sufixo *-aí*, indicador de propriedade, tal como seria expectável, atendendo ao suporte em que a inscrição foi gravada. Esta exegese foi também equacionada por Ferrer (2011, p. 216), para ser rapidamente descartada, optando o autor pela solução, altamente inverosímil, de interpretar *baicafeceáf* como inscrição didascálica, designativa do próprio contentor, não fossem os anónimos utilizadores do mesmo esquecer-se de que estavam na presença de uma taça para beber vinho.

Trata-se, decerto, de um NP ibérico bímembre, composto por *baicaf* (Faria, 2013, p. 191) e *eceáf* (Velaza, 1991, p. 93, n.º 353; Faria, 2014, p. 171).

**baídaasco.** Placa de chumbo. Ullastret (Girona) MLH III 2 C.2.3; Ferrer, 2005 [2006], p. 962, n. 29.

Das considerações expendidas por Ferrer (2005 [2006], p. 962, n. 29) no seu brilhante estudo acerca da distinção gráfica na epigrafia ibérica levantina entre /ta/ e /da/ podemos inferir que a oclusiva dental do segmento onomástico *baítaś*, constante de *uisebaítaś* (G.13.1) (Michelena, 1979, p. 31; Faria, 1991a, pp. 189, 190, 1994a, p. 68, 1998, pp. 232, 233, 237, 2000a, p. 149, 2002a, p. 129, 2002b, p. 241, 2006, p. 122; Ferrer, 2005 [2006], p. 962, n. 29) e do NL basco medieval *Artazcoiz* (Belasco, 1999<sup>2</sup>, p. 102; Orpustan, 1999, p. 271) < \**Baítaśco* (Faria, 2002a, p. 124), foi alvo de sonorização em **baídaasco** (C.2.3) e em **baídaśtolof** (C.17.1), um processo fonético característico de numerosos idiomas, entre os quais o ibero (Silgo, 2009 [2010], p. 141).

Quanto à aférese da oclusiva labial sonora antes de /a/, ela ocorre igualmente nos seguintes>NNL: *Valerius* > \**Barellano* > *Arellano* (Michelena, 1972, p. 25; Belasco, 1999<sup>2</sup>, p. 85; Oribe, 2011 [2013], p. 338; Yarza, 2015, p. 351), *Barakaldo* > *Arakaldo* (Yarza, 2015, p. 351) e *Basterrika* > *Asterrika*

(Yarza, 2015, p. 351; *contra*, Salaberri, 2011a, p. 168).

Alguns anos depois de termos relacionado o NP **baídaſco** com *Artazco(iz)* (Faria, 2002a, p. 124), Pérez (2007a, p. 114) identificou *baítaſ* como correlato do basco *ardatz* ‘eixo, fuso’, remetendo ambas as formas para um proto-hispânico *\*partaS*.

Causou-nos alguma perplexidade a circunstância de Salaberri (2011b, p. 58) se ter limitado a declarar que *Artazcoiz* comporta uma base antroponímica desconhecida, omitindo qualquer referência aos trabalhos que apontam em sentido diverso (Faria, 2002a, p. 124; Pérez, 2007a, p. 114). Em contrapartida, Vidal (2015, p. 142) fez derivar *Artázcoz* de **bartas-ko** (*sic*), mas não quis fornecer a referência bibliográfica que se impunha; o mesmo sucedeu, de resto, a respeito de *larnoz* < *\*larno* (Vidal, 2015, p. 142) (Faria, 2002a, p. 128, 2008b [2009b], p. 77, 2009 [2010], p. 159, 2011 [2012], p. 156) e de ADIMEIS < *\*adin-beis* (Vidal, 2015, p. 133) (Faria, 2007a, p. 162). Em contrapartida, não constitui qualquer surpresa que nos deparemos com a discussão da pertinência da lição ADIMEIS no artigo de Rodríguez (2014, pp. 118, 131), sem que este, como é usual, mencione a única bibliografia que àquela diz respeito.

Em relação a **baídaſco**, cumpre-nos registar um paralelo para o mesmo, atestado numa inscrição cristã datada de 484, achada no Monte da Robala (Porto de Peles, Nossa Senhora das Neves, Beja) (FE 560). Referimo-nos a *Bardascus*, um NP praticamente idêntico ao que se atesta em Ullastret. Em face desta analogia, não nos pareceu exequível secundar os editores do epitáfio de *Bardascus* na atribuição deste NP a “estratos linguísticos norte-africanos” (Encarnação & Feio ad FE 560), tendo este nosso parecer, que fizemos oportunamente chegar ao Professor Encarnação através de *email*, merecido acolhimento no recentíssimo fascículo n.º 140 do *Ficheiro Epigráfico* (ad n. 560).

Não descortinamos qualquer motivo passível de caucionar o entendimento do componente inicial do NP **ParTilTun** (K.1.3) como variante abreviada de *baítaſ* (Faria, 1997, p. 107, 2002a, p. 124; *contra*, Untermann, 1996, p. 130, 1994–1995 [1997], p. 137, MLH IV, p. 591; Wodtko, MLH V 1, p. 62). Mais facilmente veríamos em **ParTi** < /bardi/ o resultado da adaptação morfológica ibérica de

um segmento/vocábulo céltico (Faria, 2008b [2009b], p. 77), neste caso *bardo-* (Delamarre, DLG, p. 67, 2007, p. 211, 2012, p. 71; Matasović, 2009, p. 56).

**Caraniſ/garaniſ**. Fragmento de base de cerâmica ática. El Vilar (Valls, Alt Camp, Tarragona). Panosa, 2015, p. 32.

Em aditamento às considerações que tecemos a propósito do NP subjacente a **Caraniſ/garaniſ**, conferimos agora maior verosimilhança à interpretação defendida por Panosa (2015, p. 32) no sentido de encarar como dual o sistema gráfico utilizado no texto iniciado pelo dito NP. A nossa mudança de opinião resulta da eventualidade, que não tínhamos equacionado, de, em vez de *\*Caranis* ou de *\*Garanis* (este menos provável do que o primeiro), estarmos na presença de *\*Granis*. Entre os NNP recolhidos por Delamarre (2007, p. 105) que podem servir de *comparanda* para *\*Granis* podemos mencionar *Granilla*, *Granius* e *Grannicus*. Em contrapartida, o cotejo com *Craniola* e *Cranus* (Delamarre, 2007, p. 77) depõe contra uma exegese dual da escrita usada no grafito em análise, uma conclusão a que já havíamos chegado (Faria, 2016, pp. 159–170) através da invocação dos NNP *Carania* e *Caranus* (Delamarre, 2007, p. 57).

Levando, contudo, em conta que o texto em apreço se translitera como **Caraniſaren** ou, se for dual, como **garaniſaren**, não pode ser descartada a hipótese de o nome do proprietário corresponder a *\*Caranissa*, *\*Garanissa* ou *\*Granissa*. Em tal caso, a vogal inicial do sufixo (ou complexo de sufixos) *aren*, de valor possessivo (Correa, 1994, p. 340), estaria elidida a fim de evitar a repetição da vogal final do NP. No entanto, se trouxermos à colação **angi-saaren** (H.9.1), uma clara inscrição de propriedade (Faria, 2011 [2012], p. 155), rapidamente constataremos que esta é uma possibilidade mais remota do que a individualização em **Caraniſaren / garaniſaren** de um NP céltico de tema em *-i* (Faria, 2016, p. 159).

Convirá referir que, além de figurar em H.9.1 e no caso em análise, a sequência sufixal *aren* (*ar-en*) ocorre igualmente em G.16.2 (Correa, 1994, p. 340).

A título meramente especulativo, nada obsta a que **[?]ranuPen[?]** (Faria, 2015, p. 134) esteja por **[Ca]ranuPen[?]** < *\*Granumenos / \*Granupen(n)os*.

CELT'AMB'(...). Moedas. *Tole* (Toledo). CNH 296:1–5.

Curchin (2004, p. 155, 2012, p. 18, 2015, p. 82, n.º 926), seguido por Díaz (2008, p. 53), vem identificando na presente abreviatura um magistrado de nome \**Celtambatus*. Cremos, porém, que se afigura bem mais plausível reconhecer na dita legenda o NP bímembre \**Celtambus* < \**Celtambos*, não faltando paralelos na antroponímia céltica para ambos os temas (Delamarre, 2007, pp. 210, 216), ainda que o segundo ocorra apenas uma vez mais na mesma posição. Trata-se do NP *Cisiambos*/*Cisiambus* (Delamarre, 2007, p. 66; Delestrée & Meziane, 2016, pp. 27, 29), que partilha com \**Celtambus* < \**Celtambos* a circunstância de se encontrar exclusivamente atestado em moedas.

Conquanto tal solução nos pareça menos plausível, não podemos deixar de colocar a hipótese de CELTAMB abreviar \**Celtambaius* < \**Celtambaios*, à luz dos testemunhos de *Ambaius*/-a, todos eles hispânicos (Fernández, 2015, p. 326).

Há um outro magistrado referido na numária de *Tole* que surge documentado de duas maneiras em legendas total ou parcialmente retrógradas: C(aius) VICIVS C(aii) F(iilius) (Vives, 1924, pp. 44 e 45, n.º 4) e C(aius) VICIVS C(aii) F<I>LIO (sic) (Faria, 1994b, p. 56, n.º 398, 1996, p. 176). Repare-se que esta última fórmula antroponímica guarda inegáveis semelhanças no plano morfológico com a que se identificou num dos grafitos de Iruña-Veleia recuperados em escavações arqueológicas realizadas nos anos 90 do século passado, todos, ou quase todos, considerados falsos por diversos investigadores. Referimo-nos naturalmente ao que leva o n.º 10999, onde se pode ler MARCVS MARCI FILIO, tendo este texto sido alvo de interessantes reflexões por parte de Iglesias (2016, pp. 287–289).

GESEL'AD'EN / GESE'LAND'EN. Lápide de arenito. Proveniência indeterminada. IRMN 58.

Lamentavelmente, a *communis opinio*, além de veicular uma transcrição errónea do presente NP — GESELADIN —, professa a individualização no mesmo dos componentes \**kesel* (sic) e *adin* (Velaza, 1993, p. 80, 1995, p. 213). Pela nossa parte, continuamos a crer que a leitura adequada do dito *cognomen* feminino deverá variar entre GESEL'AD'EN e GESEL'AND'EN,

admitindo tais transcrições as seguintes análises: \**ges-elad-in*, \**ges-elan-din* e \**ges-eland-in* (Faria, 2008a [2009a], p. 150). Mais recentemente (Faria, 2013, p. 191), ainda que com menor grau de convicção, alvitramos como segmentações possíveis \**ges-elad-in*, \**ges-elan-din* e \**ges-eland-in*.

Ao tentar, muito louvavelmente, fugir à equivocada *traditio recepta*, Vidal (2015, p. 130), decidindo-se de modo implícito pela leitura GESELANDEN, entendeu ver no dito *cognomen* um composto formado pelos lexemas bascos *gesal* e *handi*. Trata-se, a nosso ver, de uma análise infundada. Entre as várias razões que nos levam a rejeitá-la, há uma que não é passível de oferecer contestação: o apelativo basco *gesal* 'salitre, salmoura' deverá remontar a *gersal* (*Gersalzaha*, 1025) (Múgica, 1996, p. 226), caso não proceda do lat. *aquae salis/salem* (Corominas, 1972, p. 307; Michelena, 1977<sup>2</sup>, pp. 556, 560; Knörr, 1995, p. 217; González, 2004, p. 266; Faria, 2013, p. 192). Deste modo, seja qual for o étimo do basco *gesal*, nenhuma das supramencionadas propostas de decifração — lexema patrimonial aparentemente inanalísável (*gersal*) ou empréstimo latino (*aquae salis/salem*) — permite que a origem deste vocábulo radique em \**gesel* ou em \**gesel*.

**girsdo**. Pátera de prata. Castellet de Banyoles (Tivissa, Tarragona). MLH III 2 C.21.1.

Não podemos admitir que Panosa (2015, p. 80) se faça passar por autora da identificação de **girsdo** como NP ibérico segmentável em **girs-do** (Faria, 1994a, p. 67, 1997, p. 107, 1998, p. 236, 2004a, p. 306, 2010 [2011], p. 95).

Não são poucos os desacertos e as omissões de que enferma a mais recente monografia de Panosa (2015). Além do caso já referido no início desta crónica, deixamos aqui registados mais três exemplos dos erros cometidos, todos eles reveladores de uma preocupante inaptidão para lidar com a matéria a que Panosa se propôs. Assim, não é de modo nenhum aceitável transmutar *saldu* (MLH III 1, p. 230, § 7.98) em **saldu** (Panosa, 2015, p. 24), **abarcis** (Pérez, 1993, p. 62; Faria, 1995a, p. 323, 1998, p. 237, 2000a, p. 121, 2003b, p. 313, 2004a, p. 294, 2008a [2009a], p. 145, 2011 [2012], p. 147) — a substituir por **Ybarcis** (v. *infra*, pp. 91–92) — em **abargis** (Panosa, 2015,

p. 24) ou **urCailPi** (De Hoz, 1980, p. 314; Faria, 1990–1991, pp. 74, 81, 1991a, pp. 191–192, 1991b, pp. 17–18, 1992b, p. 44, 1993, pp. 154–155, 1994b, p. 56, n.º 403, 1994c, p. 123, 1995a, pp. 326, 328, 1995b, pp. 85–86, 2000a, pp. 140–141, 2000b, pp. 64–65, 2001, p. 103, 2002b, p. 241, 2003a, pp. 226–227, 2004a, p. 300, 2010 [2011], p. 100, 2013, p. 188) em **urCailTu** (De Hoz, 2010, p. 406; Panosa, 2015, p. 79).

**ilefeutinir**. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Solier, 1979, p. 82.

Ainda que veiculando uma transliteração errónea (**ilereutinir**), tivemos há alguns anos o ensejo de analisar o presente NP como **ilef-eu-tinir**, uma análise que integrámos num estudo comparativo que incluía a associação do elemento onomástico inicial a *ilef* e a *ildir* (Faria, 2004b, pp. 182–183). Lamentamos que este nosso contributo tenha sido omitido por Ferrer & Escrivà (2015, p. 150) aquando da recente publicação do NP **ilefer**. Decorre desta nossa constatação que não será coincidência o facto de também estes autores transmitirem precisamente a mesma transliteração, que, por lapso, figurava no nosso artigo de 2004: **ilereutinir**.

Ainda a propósito de *ilef*, Ferrer & Escrivà (2015, p. 150) invocam (a nosso ver, sem qualquer razão) a sequência **siCileriCan** (G.7.2), mas olvidaram-se de registar onde a leram pela primeira vez (Faria, 1990–1991, p. 77).

**ilTicira**. Moedas. \**Ildi(r)cira*/\**Ildurcira* (Orcera, Jaén). CNH 356:1–2.

Foi com natural expectativa que lemos o texto em que Canto (2015) voltou a abordar o contexto histórico-geográfico do *Scipionis rogam/rogus* (Plin. nat. 3.9), um episódio da Segunda Guerra Púnica ao qual a distinta investigadora tinha dedicado um fundamental artigo há mais de década e meia (Canto, 1999, *passim*). Devemos, no entanto, manifestar alguma perplexidade ao constatar que Canto não logrou rebater com argumentos válidos a nossa teoria tendente a sustentar a correspondência entre *Ildicira*, cidade assim denominada numa rara emissão monetária, e a pliniana *Ilorcira*, a qual, por sua vez, terá estado na origem do NL *Orcera* (Capalvo, 1996, pp. 130–131). Julgamos que vale a pena assinalar de novo (Faria, 2003a, p. 221) que a nossa transliteração da supracitada legenda, até hoje por contestar, é

anterior à publicação da emenda introduzida por Capalvo (1996, pp. 130–131) — *Ilorcira* por *Ilorci* —, no relato pliniano. Não obstante, Canto (2015, p. 182, n. 76) desqualificou a dita transliteração como “suposta”, mas não logrou apresentar uma alternativa credível para a mesma.

Ao rejeitar a emenda de Capalvo (1996, pp. 130–131), Canto não parece ter-se apercebido de que *Ilorci* — em nítido contraste com *Ilorcira* — jamais poderia dar lugar ao NL *Orcera* (Faria, 2003a, p. 221). Tal rejeição baseia-se tão-somente na circunstância de Plínio (nat. 3.25) mencionar uns *Ilorcitani* < *Ilorci*, entre os *populi stipendiarii* do *conuentus Carthaginiensis*, pelo que o referido NE se afiguraria incompatível com a existência de uma cidade denominada *Ilorcira* (Canto, 2015, pp. 170, n. 23, 182, n. 76). Na nossa opinião, caberia a Canto demonstrar que *Ilorci*, a cidade que dá o nome aos *Ilorcitani*, é a mesma que se situava nas imediações do *Scipionis rogam/rogus* (Plin. nat. 3.9), mas tal demonstração não foi sequer esboçada.

Creemos que a solução mais económica para o óbice suscitado por Canto consiste em admitir que Plínio aludia, em dois parágrafos diversos, a duas cidades igualmente distintas, *Ilorci* < *Ildurci* e *Ilorcira* < *Ildurcira*, não sendo, a nosso ver, defensável que ambas fossem homónimas (contra, Santiago, 2014, pp. 275–277).

*Ilorci* consiste num NL ibérico analisável como *Ildur-ci* (Faria, 2000a, p. 134) ou, menos provavelmente, como *Ild(u)-urci* (Faria, 1995a, p. 325, 2000a, p. 134, 2009 [2010], pp. 163–164), pelo que não faz qualquer sentido segmentá-lo em *Ilorci* (Quesada & García-Bellido, 1995, p. 67, n. 6; Villar, 1999, p. 700, 2000, p. 212; Santiago, 2014, pp. 272–273; Canto, 2015, p. 182 e n. 76); tão-pouco se nos afigura razoável qualificar o pretense elemento *il-* como “prefixo inicial” (Canto, 2015, p. 182 e n. 76) (haverá prefixos que não o são?) ou como “apelativo ibérico de ciudad” (Villar, 2000, p. 212, *apud* Canto, 2015, p. 182, n. 76), quando é sabido que tal não corresponde à realidade (Faria, 2000a, p. 134).

**ildi(r)cira**/*Ildurcira*, por sua vez, consiste igualmente num NL ibérico, segmentável em **ildi(r)-cir-a**/*Ildur-cir-a* (Faria, 2004b, p. 180).

Se, em face da profusão dos mesmos, não se justifica que arrolemos paralelos tanto para *ildi(r)* como para *ildur*, cremos que vale a pena trazer



à colação os NNP em cuja composição entra o elemento ibérico *cir* (Faria, 2011 [2012], p. 163): **abelgirdican** (Solier, 1979, p. 82; Faria, 1990–1991, p. 82, 1994a, p. 66, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2003a, p. 215, 2004b, p. 180, 2006, p. 116, 2009 [2010], p. 157), CIRITOR (Faria, 2011 [2012], pp. 162–163), IVRCIRADIN (Albertos, 1966, p. 126; Beltrán, 1986, p. 68, 1993a, p. 855, 1993b, p. 270, n. 105; Abascal, 1994, p. 393; Faria, 2003b, p. 316, 2004b, p. 180), **tiñorcir** (C.2.3) (Faria, 2004b, p. 180) e VLVCIRRIS (gen.) (Gorrochategui, 1984, p. 286, n.º 378). Se outras razões não houvesse (Faria, 2015, pp. 135–136), bastaria a presença de <í> para nos levar a excluir a hipótese de o segmento em análise ocorrer no NP ibérico *šerCír* (CNH 144:20).

Por último, o sufixo toponímico ibérico *-a*, além de finalizar o NL em apreço, ocorre também em *\*Betarra* / *\*Baitarra* (Faria, 2008b [2009b], p. 66), EGARA (Faria, 2000a, p. 132, 2008b [2009b], p. 66, 2015, p. 137), **eToCiśa** (Faria, 2002b, p. 234, 2005a, p. 277, 2015, p. 137), **euśTiPaiCula** (Faria, 2005a, p. 278, 2015, p. 137), **ilTira** (Rébé, De Hoz & Orduña, 2012, p. 228; Orduña, 2014, p. 72), *Λάσιρα* (*\*Lasira*) / *\*Lessera* < *\*Lesira* (Faria, 2000a, p. 132, 2003b, p. 314, 2004a, p. 283, 2005a, p. 277, 2008b [2009b], p. 66, 2015, p. 137), LATTARA (Faria, 2015, p. 137), **Persa** (Faria, 2005a, p. 278, 2008b [2009b], p. 66, 2010 [2011], p. 93, 2015, p. 137) e **śiCara** (Faria, 1997, p. 110, 2004b, p. 186, 2008b [2009b], pp. 66, 87, 2012, p. 90, 2013, p. 203, 2015, p. 137), podendo outrossim figurar em **oToPeśa** (Faria, 1995a, pp. 327, 328, 2000a, pp. 126, 132, 2003b, pp. 314, 326, 2005a, pp. 277–279, 2008b [2009b], pp. 66, 87, 2013, p. 203, 2015, p. 137).

Caso **śiCara** (/sigarra/) partilhe o significado com o basco *sagarra* ‘a maçã, a macieira’ < *Segarra* (Ciérvide, 1977, p. 299) < *\*sigarra* (Faria, 2013, pp. 203–204, 2016, p. 164; Silgo, 2013, p. 256), não será fácil eximir-nos à conclusão de que a vogal final desta legenda monetária — evidente toponimização de um nome comum — deve ser identificada com o determinante de absoluto (“nominativo”) (paleo)basco *-a* (Faria, 2000a, p. 132, 2001, p. 98) já conhecido na Antiguidade, designadamente em IBARRA (Irigoyen, 1986a, p. 234, 1986b, p. 86, 1987, p. 124; Faria, 2000a, p. 132; Iglesias, 2000a, p. 339, 2000b, pp. 8–9).

É razoável supor que, tal como **śiCara**, alguns dos outros NNL acima arrolados ostentem o referido determinante (Faria, 2000a, p. 132), que, de resto, também ocorre em alguns dos polémicos grafitos de Iruña-Veleia (Iglesias, 2016, pp. 23–50).

No entanto, tal como sublinha Silgo (2013, p. 256), ao considerar Orpustan (2010, p. 31) que o determinante em questão (no singular) se afigura “peu acceptable en emploi absolu et déterminé au moins en toponymie basque”, será preferível outorgar à vogal final *-a*, presente neste e noutros NNL ibéricos, uma função pluralizadora (Orpustan, 2010, pp. 31, 49).

**ocelacom**. Moedas. *\*Ocela* (Medinaceli, Soria, ou arredores). CNH 289:1–2.

Já há vários anos, vínhamos alertando para os crescentes casos de “amnésia” no que tocava a reconhecer quem, pela primeira vez, leu acertadamente a presente legenda monetária, que, até 2003, se transliterava como **ocalacom** (Faria, 2003a, pp. 224–225, 2006, p. 124, 2009 [2010], p. 165) e quem, também pela primeira vez, identificou *\*Ocela* com *Hocilis/Ocilis*, formação toponímica que, como muitas outras, surge corrompida no relato de Apiano de Alexandria (*Hisp.* 47, 48) (Faria, 2003a, pp. 224–225, 2006, p. 124, 2009 [2010], p. 165).

Chegou agora a vez de López (2014, p. 406, n. 69) querer partilhar com Sims-Williams (2006, pp. 31–32, 236) a autoria da assimilação do NL *Ocilis* ao céltico *okel-*, ou, segundo López, *Ocelus* (*sic*), ignorando ambos toda a literatura que oportunamente coligimos sobre esta mesma matéria (Faria, 2003a, p. 224).

Por outro lado, a tentativa ensaiada por López (2014, pp. 405–406) no sentido de relacionar *Hocilis/Ocilis* com determinadas legendas monetárias (celt)ibéricas distintas de **ocelacom** está naturalmente condenada ao fracasso. Escapa à nossa compreensão, aliás, que, num só texto, além de especular a favor da identificação entre *Ocilis* e **oilaunu**, este autor preceitue a correspondência entre *Nertobriga* e **areCoraTas**, entre **śeCeisa/Segeda** e **śeCoPiriCes** e entre **arsaos**, *Pompaelo* (*sic*) e *Calagurris* (López, 2014, *passim*). Não sabemos qual destas supostas correspondências será a mais inverosímil, sendo que a última delas já foi devidamente refutada por Amela (2014, pp. 13–14).

**Persa.** Moedas. \**Bersa* / \**Belse* (localização indeterminada). CNH 439:1.

Temos de reconhecer a nossa incapacidade em compreender muito do que Amela (2016, p. 40) afirma acerca do presente NL.

Aparentemente, este autor pretende questionar a pertinência das reflexões que, num artigo publicado em 1994 (Faria, 1994a, p. 65), formulámos acerca de \**Bersa*:

En su momento, A. M. de Faria consideró que este término podría ponerse en relación con \**Illu(u)ersa*, el topónimo del que derivaría el étnico *Illuersensis*, el cual figura en el Bronce de Ascoli como lugar de origen de dos de los jinetes de la Turma Salluitana (CIL I<sup>2</sup> 709 = CIL VI 37045 = ILLRP 515 = ILS 8888), que hace derivar de \**iltubersa*, que tendría el significado de «ciudad de Bersa», por lo que esta ceca se situaría en el valle del Ebro [Faria, 1994a, p. 65]. Evidentemente, esto no es posible debido a la distribución geográfica e iconografía de esta serie monetaria.

Na sequência desta última afirmação, cumpriria a Amela assinalar que, no texto por ele citado (Faria, 1994a, p. 65), já equacionávamos “a hipótese de haver duas cidades de nome Bersa, uma na *Hispania Citerior* e outra na *Gallia Narbonensis*”. Amela tão-pouco aludiu a outros trabalhos nossos em que sustentámos a hipótese de os *Illursenses* referidos por Plínio (*nat.* 3.24), aos quais pertencia evidentemente o *Illuersensis Balciadin* — trata-se apenas de um cavaleiro, e não de dois (*contra*, De Hoz, 2011, p. 43; Amela, 2016, p. 40) —, mencionado no Bronce de Ascoli, serem originários de *Belse*, sede de uma ceca emissora de dracmas ibéricas, não tendo nós deixado de admitir, em alternativa, que aqueles fossem naturais de uma cidade denominada *Bersa*, a situar em território hispânico, nas proximidades do vale médio do Ebro, possivelmente a norte deste rio (Faria, 1994a, p. 65), homónima da que se localiza na *Narbonense* (Faria, 1995a, pp. 324–325, 1995b, pp. 80–81, 1999a, p. 155, 2003a, p. 217, 2004b, p. 177, 2005a, p. 278, 2009 [2010], pp. 163–164).

No pressuposto, perfeitamente razoável, de que uma das duas hipóteses corresponde à realidade, erra De Hoz (2011, p. 43) ao

asseverar que o NL subjacente ao gentílico *ILLVERSENSIS* não conhece qualquer outra atestação.

**PolísCen / PolísCan.** Moedas. \**Bolesce* / \**Bolesca* > *Osc*a (Huesca). CNH 211:1–15.

Como é sabido, a primeira das transliterações, que chegámos a perfilhar sem reservas (Faria, 2003a, pp. 218–219, 2004b, p. 178, 2005a, pp. 275–277, 2005c, p. 632), foi proposta por Rodríguez (2000, pp. 44, 45, n. 6, 53) num artigo que veio pôr fim à unanimidade existente em torno da transliteração **PolísCan**.

Creemos que **PolísCen / PolísCan** é o resultado da evolução de \**boleścen* / \**boleścan* por síncope vocálica (Faria, 2003a, pp. 218–219, 2004b, p. 178, 2005a, p. 275, 2008b [2009b], pp. 69–70). Esta nossa exegese foi há pouco confirmada pela atestação, na Rocha 4 da Zona 2 de Err, na Cerdanha, dos NNP **belśco** < \**beleśco* / BELEXCO e **belśtar** < \**beleśtar* (Ferrer, 2010, p. 55; Campmajo & Ferrer, 2010, p. 260).

Cumpre-nos, no entanto, lamentar que, nos artigos citados, Ferrer tenha evitado qualquer alusão ao facto de termos identificado precisamente o mesmo metaplasmo na legenda monetária **PolísCen / PolísCan**.

Dada a forte probabilidade de o <n> com que encerra a legenda monetária **PolísCen / PolísCan** corresponder a um sufixo de locativo (Vallejo Sánchez, 1946, pp. lii–liii; Caro, 1947/19883, p. 159), o NL a ela subjacente deverá ter sido \**Bolesce* (Faria, 2005a, p. 276) ou \**Bolesca*. Nesta última eventualidade, seria lícito individualizar o radical \**bol(e)* (Faria, 2003a, p. 219, 2005a, p. 276, 2008b [2009b], pp. 69, 70), já isolado por Guiter (1975, pp. 43–44, 1989, p. 800) noutros NNL, seguido do sufixo indo-europeu \*-(e)-sko-, presente, e.g., em *Virouesca* < *Virouia* (Villar, 2005, p. 483).

No caso de **PolísCan** configurar a transliteração adequada, e no pressuposto, que não podemos excluir liminarmente, de que se trata de um NL completo (\**Bolescan*), talvez haja que equacionar a hipótese de o elemento final corresponder à origem do basco *gain* < *gan* < \**can* ‘alto, altura, lugar elevado, cimo, topo, etc.’ (Silgo, 2013, p. 104). \**Bolescan* encontrar-se-ia, deste modo, em contraposição topográfica com a vizinha cidade de \**Boletum*/\**Boleta* < \**Bole*, com ambas as denominações a partilharem o mesmo radical (Faria, 2003a, p. 219, 2005a, p. 276, 2008b [2009b], p. 69).

**rucabedi.** Marcas sobre *dolia*. *Ruscino* (Château-Roussillon, Perpilhão). *MLH* II B.8.20; Ferrer, 2008 [2009], pp. 88–90.

Continuamos naturalmente a acreditar que à transliteração **rucabedi** subjaz o NP céltico *\*Ruc(c)amedis* ou *\*Ruc(c)abedis* (Faria, 2009 [2010], pp. 166–167, 2013, pp. 200–201, 2014, p. 177, 2015, pp. 129, Quadro 1, 136).

Não é este, porém, o motivo que nos leva a retomar aqui a abordagem ao presente NP.

Num trabalho publicado em (fraca) homenagem a Henrike Knörr, Gorrochategui (2015, *passim*) patenteia uma crassa ignorância em temas onomásticos ao afirmar desconhecer o nosso texto em que contestávamos a bondade da transliteração **biurbedi**, advogada por Ferrer (2008 [2009], pp. 88–90) para **rucabedi**.

Fica também assim demonstrada a diminuta capacidade evidenciada por Gorrochategui para tratar de questões atinentes à epigrafia ibérica. Esta situação é tanto mais de lamentar quanto é certo que Gorrochategui exerce as funções de Coordenador Geral do “Banco de Datos de Lenguas Paleohispánicas HESPERIA”, que recolhe “[t]odos los textos en lenguas paleohispánicas (ibérico, celtibérico, lusitano y la del Suroeste)” < <http://hesperia.ucm.es/presentacion.php> > (consulta de 28-04-16). Quando o Coordenador Geral de um tão ambicioso empreendimento passa por alto diversos artigos pertencentes a uma série denominada “crónica de onomástica paleo-hispânica” — além do mais, instantaneamente acessíveis em formato digital — cremos que é a qualidade de todo o Banco de Datos HESPERIA que fica em causa. Recorde-se que o propósito dos seus autores consiste em que o mesmo se converta no “repertorio más exhaustivo y científicamente más autorizado sobre todo el material paleohispánico” < <http://hesperia.ucm.es/actual.php> > (consulta de 28-04-16).

Infelizmente, o nosso diagnóstico é corroborado pelo reparo que Gorrochategui (2015, p. 287) nos dirige a respeito do primeiro signo de **rucabedi**: “Faria no señala, sin embargo, que se trate [sic] de *í*”. Tal crítica deixa à vista um preocupante alheamento em relação a tudo o que escrevemos sobre a matéria desde 1997, quando decidimos

adoptar a transcrição dos dois signos de vibrante sugerida recentemente por Correa (1994, pp. 39, 41, proposta B), invertendo a que seguíamos até agora (Faria, 1997, p. 105).

Queremos acreditar que Gorrochategui — Investigador Principal, entre 2010 e 2012, do “Proyecto Coordinado FFI2009-13292-Co3”, subordinado ao título “Estudios Lingüísticos y Epigráficos sobre Lenguas Paleohispánicas” — não teria publicado este trabalho se tivesse consciência das suas gritantes limitações no tocante ao domínio da bibliografia sobre o assunto que decidiu abordar. Lamentavelmente, os editores científicos do volume de homenagem a Henrike Knörr também não foram capazes de confrontar Gorrochategui com as graves carências por este evidenciadas.

O investigador homenageado (que só conhecemos através de parte da sua obra) merecia certamente melhor do que o triste episódio acima relatado.

SOSINESTANI. Tábuas de bronze. *Contrebia Belaisca* (Cabezo de las Minas de Botorrita, Saragoça). Fatás, 1982, p. 66.

Assim como *Bergistani* remete para *Bergium* (Schuchardt, 1907, p. 36; Faria, 2009 [2010], p. 161) e *Egelestani* deriva de *\*Igale* (Faria, 2009 [2010], p. 162, 2012, p. 97, também *Sosinestani* deve reportar-se a *\*Sosine* (Villar & Jordán, 2001, p. 138; Faria, 2009 [2010], p. 162).

Importa assinalar que Villar & Jordán (2001, p. 138) se equivocaram ao privarem *Sosine* do indispensável asterisco e, sobretudo, ao afiançarem que “*Sosine*, claramente no latino, tiene sufijos y desinencias latinos en *Sosinestaneis*, *Sosinestanos*, *Sosinestana*, etc.” Tal como demonstrámos noutras ocasiões (Faria, 2009 [2010], p. 162, 2013, p. 191), a segunda sibilante de *Sosinestani* não é identificável com um sufixo latino, mas ibérico.

O radical do presente NL, constante de numerosos NNP, não pode ter outra origem linguística que não seja o ibero, pelo que toda e qualquer tentativa de encontrar para o mesmo uma matriz indo-europeia (Jordán, 2013, p. 696) está irremediavelmente votada ao insucesso.

TANNIBER. Marca em lingote de chumbo. Naufrágio Cabrera 5 (Cabrera, Baleares). Simón, 2015c, *passim*.



Entre os possíveis paralelos que assinalámos para *Tanni* — caso seja TANNI-BER a análise adequada — não pudemos deixar de aduzir **TaniTo** (Campmajo & Untermann, 1993, p. 513) (Faria, 2016, p. 164). Em abono do rigor historiográfico, negligenciado em alguns trabalhos recentes (Ferrer, 2010, p. 54; Campmajo & Ferrer, 2010, p. 259; Faria, 2016, p. 164), importa deixar claro que já nos havíamos inclinado para a interpretação de **TaniTo** como NP ibérico, a segmentar em **Tani-To** (Faria, 2004a, pp. 300, 310).

Consideramos, por conseguinte, extremamente improvável que se possa analisar **TaniTo** como TANEG-to (Campmajo & Untermann, 1993, p. 513; Rodríguez, 2014, p. 200).

VERCELLONIS (gen.). Bloco de calcário preto. \**Sabe* (La Rambla, Córdova). Lacort, Portillo & Stylow, 1986, pp. 69–73.

Ao contrário do que pretende Champlin (2015, p. 290, n. 55), não há nenhum motivo passível de nos levar a crer que o patrónimo VERCELLONIS (gen.) constitua um erro do lapicida, com aquele a ser gravado em vez do *nomen* MERCELLONIS (gen.).

Antes do mais, não é fácil compreender como pode Champlin aceitar que um indígena de nome *Binsnes*, certamente um idióónimo ibérico (Lacort & alii, 1986, p. 73; Faria, 1991a, pp. 190, 194, 1994a, p. 67, 2005b, p. 167; *contra*, Díaz, 2008, pp. 222–223; Champlin, 2015, p. 290, n. 55; Herrera, 2015, p. 72), apresente um gentílico (no caso vertente de origem etrusca) como patrónimo, ao arrepio da regra que preceitua para a fórmula antropónica latina um *praenomen* ou, em casos muito raros, um *cognomen* como designativo da filiação.

*Vercello* corresponde naturalmente a um NP céltico (Delamarre, 2007, p. 195, 2012, p. 264; Díaz, 2008, p. 223), não se justificando que ao mesmo se possa conferir uma matriz linguística turdetana, tal como admite Correa (2009, p. 305, n. 65), uma atribuição que, aliás, o investigador em questão (Correa, 2009, *passim*) estendeu a outros NNP de muito provável ascendência céltica (Faria, 2009 [2010], p. 166, 2011 [2012], *passim*).

VMMESAHAR. Estela funerária de arenito. Lerga (Navarra). Gorrochategui, 1984, pp. 287–288, n.º 379.

Complementando o que sobre deixámos recentemente exarado a respeito do componente final deste NP (Faria, 2016, pp. 164–166), cumpre-nos assinalar que Vidal (2015, p. 138) relacionou *sahar* com o segmento ibérico *śaí*. Se, num primeiro momento, esta mesma abordagem foi também alvo da nossa ponderação, deparámo-nos seguidamente com sérias dificuldades na tentativa de estabelecermos uma correspondência entre as sibilantes de *śaí* e de *zahar*, sendo certo que à sibilante do vocábulo basco deveria equivaler em ibero o fonograma <s-> (Michelena, 1955, p. 278, 1961, pp. 21, n. 42, 22; De Hoz, 2003, p. 93; Orduña, 2005 [2006], p. 502 e nn. 36–37, 2011, p. 131; Pérez, 2007b, pp. 29, 31). Tal como argumentámos previamente (Faria, 2016, p. 165), nem mesmo o presumível membro final de **anaiośaí** poderá servir de contraexemplo, já que este deverá corresponder a \**oxar* (/oʃar/) < \**hor-xar*, termo este que Michelena (1968, p. 357), a nosso ver erradamente, faz derivar de \**hor-xa(h)ar* < \**hor-za(h)ar*. Em conformidade com a nossa teoria, o signo ibérico constante de **anaiośaí** corresponderia, com toda a naturalidade, à palatal surda /ʃ/ (Ballester, 2001, pp. 299–301). Assim sendo, continuamos a considerar preferível encontrar em *saí*, e não em *śaí*, como pretende Vidal, a origem do paleobasco *zahar*.

Convirá assinalar, em abono da sempre desejável acribia, que Michelena (1949, p. 204) chegou a acolher explicitamente a “existencia comprobada de desdoblamientos vocálicos en vasc. (p. ej. *mihimen* < lat. *vimen*)”, para, cinco anos depois, vir renegá-la, relacionando tal observação mais “con la metafísica que con la ciencia empírica” (Michelena, 1954, p. 430, n. 18).

**Ybarcis**. Placa de chumbo. Punta del Castell (Palamós, Girona). MLH III 2 C.4.1.

Corrigimos nesta ocasião a transliteração de Untermann (MLH III 2, p. 82) — **Ybarcis** —, que perfilhámos durante muitos anos (Faria, 1995a, p. 323, 1998, p. 237, 2000a, p. 121, 2003b, p. 313, 2004a, p. 294, 2008a [2009a], p. 145, 2011 [2012], p. 147).

A nossa mudança de opinião radica em dois argumentos: além de não haver espaço para a gravação dos dois signos propostos por Untermann, não cremos que possa ser questionada a existência de um pequeno traço que

só pode corresponder à extremidade superior da haste esquerda de <Y>. Esta última circunstância impede-nos de secundar a lição **orcis**, alvitada por Riuró (1982, p. 127), que reputamos a única alternativa possível a **Ybar-cis**. Vinte e dois anos depois de Riuró, também Rodríguez (2014, p. 103) propôs **orcis** como transliteração para o NP em causa, mas “esqueceu-se” de citar o *editor princeps*. É interessante recordar que, passados doze anos sobre a publicação do artigo de Riuró, Rodríguez (2002 [2003], pp. 253, 254) veio a acolher sem quaisquer hesitações tanto a leitura como a análise — **abar-(ar)kis** — ministradas por Untermann (1985, pp. 435, n. 11, 436, 1987, pp. 296, 287, *MLH* III 1, pp. 209, 211, *MLH* III 2, pp. 82, 83).

**Ybarcis** configura naturalmente um NP ibérico, a analisar como **Ybar-cis**. Continuamos a crer que o segundo elemento deste composto deve ser relacionado com o que figura na mesma posição no NP ARANCISIS (gen.) (*HEp* 3, 363) (Faria, 2010 [2011], p. 90, 2011[2012], p. 149).

JRESVNIN. Placa de mármore. *Saguntum* (Sagunto, Valência). *CIL* II<sup>2</sup> 14(1) 438.

Seja qual for o primeiro segmento do *cognomen* em questão, indubitavelmente pertencente a um tal *Cornelius* (Silgo, 1988, p. 765, 1994, p. 252; Faria, 1995a, p. 329, 1998, p. 233, 2000a, p. 141, 2002b, pp. 237–238, 2003b, p. 327, 2004a, pp. 298–299, 2004b, p. 183), não compreendemos como é possível que Vizcaíno (2011, p. 128, 2015, pp. 78, 82, 83) tente convencer os seus leitores de que *unin* conforma um segmento onomástico ibérico exclusivo de indivíduos do sexo feminino. De resto, não há qualquer prova, nem sequer o mais ténue indício, de que algum dos nove NNP inscritos na cerâmica do Tossal de Sant Miquel de Lliria considerados femininos por Vizcaíno (2011, p. 128, 2015, p. 78) o seja de facto, já que, tão-pouco, os NNP compostos por segmentos onomásticos prefixados por *ti-* (Faria, 2008a [2009a], p. 154) são passíveis de ser interpretados como femininos. É este o caso de [§]alaitibas (Faria, 1995a, p. 328, 2002b, p. 239, 2004a, pp. 290–291, 2007a, p. 179, 2007b, p. 226, 2010 [2011], p. 100), que, tal como *llurtibas* e *Bilustibas*, jamais poderá ser encarado como feminino (*contra*, Velaza, 2005, p. 144, 2006 [2007], p. 251).

## Bibliografia citada

ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994) – *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.

ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1960) – La antroponimia hispánica y «La composición en los nombres personales galos», según K. H. Schmidt. *Emerita*. 28:2, pp. 285–308.

ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1966) – *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Universidad.

AMELA VALVERDE, Luis (2014) – La ceca de Kalakorikos (*Hesperia*: Mon. 531). *Hécate*. 1, pp. 10–19.

AMELA VALVERDE, Luis (2016) – Los bronzes ibéricos de **Neronken**, sus imitaciones y emisiones emparentadas. *Gaceta Numismática*. 192, pp. 17–43.

APRH = RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (2010) – *Las acuñaciones provinciales romanas de Hispania*. Madrid: Real Academia de la Historia.

BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2001) – Fono(tipo)logía de las (con)sonantes (celt)ibéricas. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar, eds. – *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania: actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, pp. 287–303.

BELASKO ORTEGA, Mikel (1999<sup>2</sup>) – *Diccionario etimológico de los nombres de los pueblos, villas y ciudades de Navarra: apellidos navarros*. 2.<sup>a</sup> ed. (1996<sup>1</sup>). Pamplona: Pamiela.

BELTRÁN LLORIS, Francisco (1986) – Epigrafía y onomástica de las Cinco Villas. In *Actas de las I Jornadas de Estudio sobre las Cinco Villas (Ejea, diciembre 1985)*. Zaragoza: Centro de Estudios de las Cinco Villas, pp. 53–93.

BELTRÁN LLORIS, Francisco (1993a) – Un nuevo antropónimo vasconico en la comarca de las Cinco Villas (Zaragoza). In *Homenatge a Miquel Tarradell*. Barcelona: Generalitat de Catalunya, pp. 843–858.

BELTRÁN LLORIS, Francisco (1993b) – La epigrafía como índice de aculturación en el valle medio del Ebro

- (s. II a.e. – III d.e.). In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25–28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 235–272.
- CAMPMAJO, Pierre; UNTERMANN, Jürgen (1993) – Les influences ibériques dans la Haute Montagne catalane: le cas de la Cerdagne. In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. – *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25–28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 499–520.
- CAMPMAJO, Pierre; FERRER I JANÉ, Joan (2010) – Le nouveau corpus d’inscriptions ibériques rupestres de la Cerdagne (1): premiers résultats. *Palaeohispanica*. 10, pp. 249–274.
- CANTO Y DE GREGORIO, Alicia María (1999) – *Ilorci, Scipionis rogos* (Plinio, *NH* III, 9) y algunos problemas de la Segunda Guerra Púnica en Hispania. *Rivista Storica dell’ Antichità*. 29, pp. 127–167.
- CANTO Y DE GREGORIO, Alicia María (2015) – La importancia estratégica del Alto Guadalquivir durante la Segunda Guerra Púnica, y el sitio de *Ilorci-Amturgi*. In BELLÓN RUIZ, Juan Pedro; RUIZ RODRÍGUEZ, Arturo; MOLINOS MOLINOS, Manuel; RUEDA GALÁN, Carmen; GÓMEZ CABEZA, Francisco, eds. – *La Segunda Guerra Púnica en la Península Ibérica: Baecula: arqueología de una batalla*. Jaén: Universidad, pp. 163–192.
- CAPALVO LIESA, Álvaro (1996) – *Celtiberia: un estudio de fuentes literarias antiguas*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”.
- CARO BAROJA, Julio (1947/1988<sup>3</sup>) – La geografía lingüística de la España antigua a la luz de la lectura de las inscripciones monetales. *Boletín de la Real Academia Española*. 26:121, pp. 197–243 [= Sobre la lengua vasca y el vasco-iberismo. San Sebastián: Txertoa. 3.º ed. (1979<sup>1</sup>), pp. 121–169].
- CHAMPLIN, Edward (2015) – The richest man in Spain. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*. 196, pp. 277–295.
- CIÉVIDE MARTINENA, Ricardo (1977) – Índice completo de topónimos citados en el Becerro Antiguo de Leire (III). *Fontes Linguae Vasconum*. 26, pp. 281–310.
- CIL II = HÜBNER, Emil (1869) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II<sup>2</sup>/14 (1) = ALFÖLDY, Géza; CLAUSS, Manfred; MAYER OLIVÉ, Marc; CORELL VICENT, Josep; BELTRÁN LLORIS, Francisco; FABRE, Georges; MARCO SIMÓN, Francisco; RODÀ DE LLANZA, Isabel (1995) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars XIV: conuentus Tarraconensis. Fasc. I: Pars meridionalis conuentus Tarraconensis*. Berlin; New York, NY: Walter de Gruyter.
- CNH = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1994) – *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COROMINAS I VIGNEAUX, Joan (1972) – *Tópica hespérica: estudios sobre los antiguos dialectos, el substrato y la toponimia romances*. 2.º vol. Madrid: Gredos.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1994) – La transcripción de las vibrantes de la escritura paleohispánica. *Archivo de Prehistoria Levantina*. 21, pp. 337–341.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2009) – Reflexiones sobre la lengua de las inscripciones en escritura del Sudoeste o tartesia. *Palaeohispanica*. 9, pp. 295–307.
- CURCHIN, Leonard A. (2004) – *The Romanization of Central Spain: complexity, diversity and change in a provincial hinterland*. London: Routledge.
- CURCHIN, Leonard A. (2012) – The urban experience in Castilla-La Mancha in the Roman Period. In CARRASCO SERRANO, Gregorio, ed. – *La ciudad romana en Castilla-La Mancha*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 15–28.
- CURCHIN, Leonard A. (2015) – *A supplement to The Local Magistrates of Roman Spain*. Waterloo: Autor [livro electrónico].
- DELAMARRE, Xavier (2007) – *Nomina celtica antiqua selecta inscriptionum: (noms de personnes celtiques dans l’ épigraphie classique)*. Paris: Errance.
- DELAMARRE, Xavier (2012) – *Noms de lieux celtiques de l’ Europe ancienne (–500 / +500)*. Arles: Errance.
- DELESTRÉE, Louis-Pol; MEZIANE, Karim (2016) – Une légende latine: LATISI(OS), «l’Héroïque»; bilan des nouvelles légendes monétaires gauloises depuis 1996. *Cahiers Numismatiques*. 207, pp. 23–30.
- DÍAZ ARIÑO, Borja (2008) – *Epigrafía latina republicana de Hispania (ELRH)*. Barcelona: Universitat.
- DLG = DELAMARRE, Xavier (2003<sup>2</sup>) – *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental*. 2.º édition revue et augmentée. (2001<sup>1</sup>). Paris: Errance.
- ENCARNAÇÃO, José d’; FEIO, Jorge (2016) – *Duas inscrições funerárias paleocristãs (Nossa Senhora das*

- Neves, Beja). *Ficheiro Epigráfico*. 134, inscrições n.ºs 560–561.
- FARIA, António Marques de (1990–1991) – Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Nova série. 11–12, pp. 73–88.
- FARIA, António Marques de (1991a) – [Recensão de] UNTERMANN, J. – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. *Conimbriga*. 30, pp. 187–197.
- FARIA, António Marques de (1991b) – Epigrafa monetária meridional. *Conimbriga*. 30, pp. 13–22.
- FARIA, António Marques de (1992a) – [Recensão de] VELAZA, Javier - *Léxico de inscripciones ibéricas: 1976–1989*. Barcelona, 1991, 204 p. *Conimbriga*. 31, pp. 191–195.
- FARIA, António Marques de (1992b) – Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. 1, pp. 39–48.
- FARIA, António Marques de (1992–1993) – Notas a algumas inscrições ibéricas recentemente publicadas. *Portugalia*. Nova série. 13–14, pp. 277–279.
- FARIA, António Marques de (1993) – A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. 12, pp. 145–161.
- FARIA, António Marques de (1994a) – Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. 3, pp. 65–71.
- FARIA, António Marques de (1994b) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Nova série. 15, pp. 33–60.
- FARIA, António Marques de (1994c) – [Recensão de] VILLARONGA I GARRIGA, L. - *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*. Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994. *Vipasca*. 3, pp. 121–124.
- FARIA, António Marques de (1995a) – Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Nova Série. 16, pp. 323–330.
- FARIA, António Marques de (1995b) – Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. 4, pp. 79–88.
- FARIA, António Marques de (1996) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correcções e aditamentos. *Conimbriga*. 35, pp. 149–187.
- FARIA, António Marques de (1997) – Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. 6, pp. 105–114.
- FARIA, António Marques de (1998) – [Recensão de] QUINTANILLA NIÑO, Alberto – *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2, pp. 232–240.
- FARIA, António Marques de (1999a) – Novas notas de onomástica hispânica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:1, pp. 153–161.
- FARIA, António Marques de (1999b) – [Recensão de] *La moneda en temps d'August. Cours d'Histoire Monétaire d'Hispania. (13 i 14 de novembre de 1997)*. Barcelona: Gabinet Numismàtic de Catalunya del Museu Nacional d'Art de Catalunya; *La moneda en la societat ibèrica. II Cours d'Histoire monétaire d'Hispania. (26 i 27 de novembre de 1998)*. Barcelona: Gabinet Numismàtic de Catalunya del Museu Nacional d'Art de Catalunya. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:1, pp. 273–281.
- FARIA, António Marques de (2000a) – Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:1, pp. 121–151.
- FARIA, António Marques de (2000b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:2, pp. 61–66.
- FARIA, António Marques de (2001) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 95–107.
- FARIA, António Marques de (2002a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:1, pp. 121–146.
- FARIA, António Marques de (2002b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:2, pp. 233–244.
- FARIA, António Marques de (2003a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:1, pp. 211–234.
- FARIA, António Marques de (2003b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:2, pp. 313–334.
- FARIA, António Marques de (2004a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:1, pp. 273–315.
- FARIA, António Marques de (2004b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:2, pp. 175–192.

- FARIA, António Marques de (2005a) - Crónica de onomástica paleo-hispànica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:2, pp. 273–292.
- FARIA, António Marques de (2005b) - Crónica de onomástica paleo-hispànica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:1, pp. 163–175.
- FARIA, António Marques de (2005c) - [Recensão de] RIPOLLÈS, Pere Pau - *Monedas hispánicas de la Bibliothèque Nationale de France*. Madrid: Real Academia de la Historia; Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2005 (Bibliotheca Numismatica Hispana; 1). 334 p. ISBN 84-95983-52-4. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:2, pp. 630–635.
- FARIA, António Marques de (2006) - Crónica de onomástica paleo-hispànica (11). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9:1, pp. 115–129.
- FARIA, António Marques de (2007a) - Crónica de onomástica paleo-hispànica (13). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:2, pp. 161–187.
- FARIA, António Marques de (2007b) - Crónica de onomástica paleo-hispànica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:1, pp. 209–238.
- FARIA, António Marques de (2008a) [2009a] - Crónica de onomástica paleo-hispànica (15). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:1, pp. 145–158.
- FARIA, António Marques de (2008b) [2009b] - Crónica de onomástica paleo-hispànica (14). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:1, pp. 57–102.
- FARIA, António Marques de (2009) [2010] - Crónica de onomástica paleo-hispànica (16). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12:2, pp. 157–175.
- FARIA, António Marques de (2010) [2011] - Crónica de onomástica paleo-hispànica (17). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 13, pp. 89–106.
- FARIA, António Marques de (2011) [2012] - Crónica de onomástica paleo-hispànica (18). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 14, pp. 147–186.
- FARIA, António Marques de (2012) - Crónica de onomástica paleo-hispànica (19). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 15, pp. 87–112.
- FARIA, António Marques de (2013) - Crónica de onomástica paleo-hispànica (20). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, pp. 187–212.
- FARIA, António Marques de (2014) - Crónica de onomástica paleo-hispànica (21). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, pp. 167–192.
- FARIA, António Marques de (2015) - Crónica de onomástica paleo-hispànica (22). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 18, pp. 127–148.
- FARIA, António Marques de (2016) - Crónica de onomástica paleo-hispànica (23). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 19, pp. 155–174.
- FATÁS CABEZA, Guillermo (1980) - *Contrebia Belaisca (Botorríta, Zaragoza) II*. Tabula Contrebiensis. Zaragoza: Universidad.
- FERNÁNDEZ CORRAL, Marta (2015) - Nuevos monumentos funerarios de Belorado (Burgos). *Lucentum*. 34, pp. 323–331.
- FERRER I JANÉ, Joan (2005) [2006] - Novetats sobre el sistema dual de diferenciació gràfica de les oclusives sordes i sonores. *Palaeohispanica*. 5, pp. 957–982.
- FERRER I JANÉ, Joan (2010) - La llengua i l'escriptura ibèrica a la Cerdanya. *Ker*. 4, pp. 50–59.
- FERRER I JANÉ, Joan (2011) - Ibèric **baikar**: un nou testimoni en un escif àtic de Sant Julià de Ramis. In BURCH I RIUS, Josep; NOLLA I BRUFAU, Josep Maria; SAGRERA ARADILLA, Jordi, eds. - *Les defenses de l'oppidum de \*Kerunta*. Gerona: Universitat, pp. 208–222.
- FERRER I JANÉ, Joan; ESCRIVÀ TORRES, Vicent (2015) - Tres nuevas inscripciones ibéricas del Museo Arqueológico de Llíria. *Palaeohispanica*. 15, pp. 143–159.
- GONZÁLEZ OLLÉ, Fernando (2004) - Navarra, Romania emersa y ¿Romania submersa?. *Aemilianense*. 1, pp. 225–270.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1984) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2015) - Sobre una estampilla ibérica de Ruscino (Castell Rosselló, Perpignan). In EZEIZABARRENA SEGUROLA, María-José; GÓMEZ LÓPEZ, Ricardo, eds. - *Eridenen du zerzaz kontenta: saillikideen omenaldia Henrike Knörr irakasleari (1947–2008)*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 281–288.



- GUI TER, Henri (1975) – Les bases oronymiques préromanes sur les Pyrénées méditerranéennes. *Cuadernos de Investigación Filológica*. 1:2, pp. 35–44.
- GUI TER, Henri (1989) – Elementos de cronología fonética del vascuence. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*. 23:3, pp. 797–800.
- HARTLEY, Brian, R.; PENGELLY, Hedley; DICKINSON, Brenda (1994) – Samian ware. In CRACKNELL, Stephen; MAHANY, Christine, eds. – *Roman Alcester: southern extramural area. 1964–1966 excavations. Part 2: finds and discussion*. York: Council for British Archaeology, pp. 93–119.
- HEp = *Hispania Epigraphica*.
- HERRERA RANDO, Javier (2015) – Cultura epigráfica y romanización en el ámbito ibérico meridional. *Palaeohispanica*. 15, pp. 57–86.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1980) – Crónica de lingüística y epigrafía prerromanas de la Península Ibérica: 1979. *Zephyrus*. 30–31, pp. 299–323.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2003) – Las sibilantes ibéricas. In MARCHESINI, Simona; POCSETTI, Paolo, eds. – *Linguistica è storia. Sprachwissenschaft ist Geschichte. Scritti in onore di Carlo De Simone. Festschrift für Carlo De Simone*. Pisa: Giardini, pp. 85–97.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2010) – *Historia lingüística de la Península Ibérica en la antigüedad, I. Preliminares y mundo meridional prerromano*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- DE HOZ BRAVO, Javier (2011) – *Historia lingüística de la Península Ibérica, II. El mundo ibérico prerromano y la indoeuropeización*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- IGLESIAS, Hector (2000a) – Le suffixe -aga, “lieu de”. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*. 34:2, pp. 337–342.
- IGLESIAS, Hector (2000b) – L’inscription ibérique de San Miguel de Liria et le basco-ibérisme en général. *Fontes Linguae Vasconum*. 83, pp. 7–27.
- IGLESIAS, Hector (2016) – *Les inscriptions d’Iruña-Veleia: analyse linguistique des principales inscriptions latines et basques découvertes sur le site archéologique de Veleia*. Saint-Denis: Connaissances et Savoirs.
- IRIGOYEN ECHEVARRÍA, Alfonso (1986a) – Las lenguas de los vizcaínos: antroponimia y toponimia medievales. In *Ikaskuntza Historikotako Batzarrea, Bizkaia Erdi-Aroan = Congreso de estudios históricos: Vizcaya en la Edad Media. Bilbao, 17–20 diciembre 1984*. San Sebastián-Donostia: Eusko Ikaskuntza - Sociedad de Estudios Vascos, pp. 201–249.
- IRIGOYEN ECHEVARRÍA, Alfonso (1986b) – *En torno a la toponimia vasca y circumpirenaica*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- IRIGOYEN ECHEVARRÍA, Alfonso (1987) – Cuestiones de toponimia vasca circumpirenaica. In CIERBIDE MARTINENA, Ricardo, ed. - *Pirenaico navarro-aragonés, gascón y euskera: V Cursos de Verano en San Sebastián*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 71–156.
- IRMN = CASTILLO GARCÍA, Carmen; GÓMEZ-PANTOJA FERNÁNDEZ-SALGUERO, Joaquín; MAULEÓN, María Dolores (1981) – *Inscripciones romanas del Museo de Navarra*. Pamplona: Navarra (Comunidad Autónoma). Servicio de Prensa, Publicaciones y Relaciones Sociales.
- JORDÁN CÓLERA, Carlos (2013) – Sos, Iso: dos notas de hidrotponimia arqueindoeuropea. In BELTRÁN CEBOLLADA, José Antonio; ENCUESTRA ORTEGA, Alfredo; FONTANA ELBOJ, Gonzalo; MAGALLÓN GARCÍA, Ana Isabel; MARINA SÁEZ, Rosa María, eds. – *Otium cum dignitate: estudios en homenaje al profesor José Javier Iso Echegoyen*. Zaragoza: Universidad, pp. 689–698.
- KNÖRR BORRÀS, Henrike (1995) – La huella del latín en la lengua vasca. In VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Vitalino, ed. – *Didáctica del latín. Actualización científico-pedagógica*. Madrid: Ediciones Clásicas, pp. 213–225.
- LACORT NAVARRO, Pedro José; PORTILLO MARÍN, Rafael; STYLOW, Armin U. (1986) – Nuevas inscripciones latinas de Córdoba y su provincia. *Faventia*. 8:1, pp. 69–109.
- LÓPEZ SÁNCHEZ, Fernando (2014) – Apiano y la moneda celtibérica. In CADIOU, François; NAVARRO CABALLERO, Milagros, eds. – *La guerre et ses traces: conflits et sociétés en Hispanie à l’époque de la conquête romaine (III<sup>e</sup>–I<sup>er</sup> s. a.C.)*. Bordeaux: Ausonius, pp. 395–413.
- MATASOVIĆ, Ranko (2009) – *Etymological dictionary of Proto-Celtic*. Leiden: Brill.
- MEZQUÍRIZ IRUJO, María Ángeles (1991–1992) – Pavimento de “opus signinum” con inscripción ibérica en Andelos. *Trabajos de Arqueología Navarra*. 10, pp. 365–367.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1949) – Voces vascas. I. (h)egi, tegi. II. Vasco azari, azeri y azenarius. III. Sobre algunos elementos latino-románicos en vascuence y otras voces vascas. *Emerita*. 17, pp. 195–211.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1954) – De onomástica aquitana. *Pirineos*. 10, pp. 409–455.

- MICHELENA ELISSALT, Luis (1955) – Cuestiones relacionadas con la escritura ibérica. *Emerita*. 23, pp. 265–284.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1961) – Comentarios en torno a la lengua ibérica. *Zephyrus*. 12, pp. 5–23.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1968) – Lat. S: el testimonio vasco. In QUILLIS MORALES, Antonio; BLANCO CARRIL, Ramón; CANTARERO YASES, Margarita, eds. – *Actas del XI Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románicas*. Madrid: Revista de Filología Española, pp. 473–489.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1972) – Nota marginal sobre la huella latina en la lengua vasca. *Fontes Linguae Vasconum*. 4, pp. 5–25.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1977<sup>2</sup>) – *Fonética histórica vasca*. 2.<sup>a</sup> ed. (1961<sup>1</sup>). San Sebastián: Diputación Foral de Guipúzcoa.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1979) – La langue ibère. In TOVAR LLORENTE, Antonio; FAUST, Manfred; FISCHER, Franz; KOCH, Michael, eds. – *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17–19 de junio de 1976)*. Salamanca: Universidad, pp. 23–39.
- MLH III 1 = UNTERMANN, Jürgen (1990) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, Jürgen (1990) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, Jürgen (1997) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV: die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. [Unter Mitwirkung von Dagmar Wodtko]. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH V 1 = WODTKO, Dagmar (2000) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band V 1: Wörterbuch der keltiberischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MÚGICA FRANCO DE MEDINACELI, Matías (1996) – Notas de fonética histórica y toponimia 1. Sobre cronología de los cambios fonéticos. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*. 30:1, pp. 219–238.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2005) [2006] – Sobre algunos posibles numerales en textos ibéricos. *Palaeohispanica*. 5, pp. 491–505.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2011) – Los numerales ibéricos y el protovasco. *Veleia*. 28, pp. 125–139.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2014) – Vocalismo átono en ibérico y romance. *Liburna*. 7, pp. 69–78.
- ORIBE FERNÁNDEZ, Alfredo (2011) [2013] – Jatorri antroponimikodun toponimia euskal lurretan: 25 leku izen. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*. 45:1, pp. 327–360.
- ORPUSTAN, Jean-Baptiste (1999) – *La langue basque au Moyen Age (IX<sup>e</sup>–XV<sup>e</sup> siècles)*. Baigorri: Izpegi.
- ORPUSTAN, Jean-Baptiste (2010) – *L'ibère et le basque: recherches et comparaisons* <<http://artxiker.ccsd.cnrs.fr/artxibo-00465824/document>>.
- PANOSA DOMINGO, María Isabel (2009) – *De Kese a Tarraco: la població de la Tarragona romanorepublicana, amb especial referència a l'epigrafia*. Tarragona: Arola Editors.
- PANOSA DOMINGO, María Isabel (2015) – *Inscripcions ibèriques de les comarques de Tarragona*. Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (1993) – Notas sobre onomástica ibérica. *Fontes Linguae Vasconum*. 62, pp. 61–67.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (2007a) – Sobre la posible interpretación de algunos componentes de la onomástica ibérica. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 8, pp. 89–117.
- PÉREZ OROZCO, Santiago (2007b) – Ibérico *seltar* = “*tumulus*”? *Arse*. 41, pp. 27–36.
- QUESADA SANZ, Fernando; GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz (1995) – Sobre la localización de *Ikale(n)skan* y la iconografía de sus monedas. In GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; CENTENO, Rui Manuel Sobral, eds. – *La moneda hispánica: ciudad y territorio: actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 65–73.
- RÉBÉ, Isabelle; DE HOZ BRAVO, Javier; ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2012) – Dos plomos ibéricos de Ruscino (Perpignan, P.-O.). *Palaeohispanica*. 12, pp. 211–251.
- RIURÓ I LLAPART, Francesc (1982) – El plom amb epigrafia ibèrica del poblat de Castell (Palamós). *Cypsel*. 4, pp. 123–131.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2000) – Nuevas observaciones de crono-paleografía ibérica levantina. *Archivo Español de Arqueología*. 73, pp. 43–57.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002) [2003] – Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua ibera. *Cypsel*. 14, pp. 251–275.

- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2014) – Nuevo índice crítico de formantes de compuestos de tipo onomástico iberos. *ArqueoWeb*. 15, pp. 81–238 < <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/arqueoweb/pdf/15/RodriguezRamos.pdf> >.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2011a) – Sobre el sufijo occidental *-ika* y otras cuestiones de toponimia vasca. *Fontes Linguae Vasconum*. 113, pp. 139–176.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2011b) – De toponimia vasco-pirenaica: sobre el sufijo *-otz*, *-oz(e)*. *Nouvelle Revue d'Onomastique*. 53, pp. 33–63.
- SANTIAGO HARO, José (2014) – ¿Podría haber estado ubicada la famosa ciudad de *Ilorci* (Plinio *Naturalis Historia*, III, 3, 9) donde el yacimiento de Úbeda la Vieja (Jaén)? una hipótesis y sus fundamentos. *Boletín del Instituto de Estudios Giennenses*. 210, pp. 209–291.
- SCHMIDT, Karl Horst (1957) – Die Komposition in gallischen Personennamen. *Zeitschrift für Celtische Philologie*. 26, pp. 33–301.
- SCHUCHARDT, Hugo (1907) – Die iberische Deklination. *Sitzungsberichte der Wiener Akademie der Wissenschaften, Philologisch-historische Klasse*. 157:2, pp. 1–90.
- SILGO GAUCHE, Luis (1988) – La antroponimia ibérica de Sagunto (1). *Arse*. 23, pp. 757–767.
- SILGO GAUCHE, Luis (1994) – *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana.
- SILGO GAUCHE, Luis (2009) [2010] – La antroponimia ibérica de la *Turma Salluitana*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12:2, pp. 139–155.
- SILGO GAUCHE, Luis (2013) – *Estudio de toponimia ibérica: la toponimia de las fuentes clásicas, monedas e inscripciones*. Valencia: Vision Libros.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2015a) – Treinta años de investigaciones sobre la inscripción musiva de Caminreal (Hispania Citerior; *MLH* E.7.1 = K.5.3). *Palaeohispanica*. 15, pp. 87–127.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2015b) – La onomástica de la estela de Illescas (*HEp* 4, n.º 889 = AE 1990, n.º 582). *Emerita*. 83:2, pp. 333–346.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2015c) – *Tanniber*: un productor de metal de posible origen ibérico. *Pallas*. 97, pp. 181–192.
- SIMS-WILLIAMS, Patrick (2006) – *Ancient Celtic place-names in Europe and Asia Minor*. Oxford; Boston, MA: Blackwell.
- SOLIER, Yves (1979) – Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. 12, pp. 55–123.
- UNTERMANN, Jürgen (1985) – Dos inscripciones ibéricas recién halladas, de Castell de Palamós (Gerona). In MELENA JIMÉNEZ, José Luis, ed. – *Symbolae Ludovico Mitxelena septuagenario oblatae. Pars prior*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 469–474.
- UNTERMANN, Jürgen (1987) – Repertorio antroponímico ibérico. *Archivo de Prehistoria Levantina*. 17, pp. 289–317.
- UNTERMANN, Jürgen (1996) – Onomástica. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; DE HOZ BRAVO, Javier; UNTERMANN, Jürgen, eds. – *El tercer bronce de Botorrita*. Zaragoza: Departamento de Educación y Cultura, Diputación General de Aragón, pp. 109–166.
- UNTERMANN, Jürgen (1994–1995) [1997] – El tercer bronce de Botorrita y la antroponimia ibérica. *Arse*. 28–29 [número especial dedicado a Domingo Fletcher Valls], pp. 135–145.
- VALLEJO RUIZ, José María (2013) – Celtic personal names in the province of Aquitania: derivation and composition. In GARCÍA ALONSO, Juan Luis, ed. – *Continental Celtic word formation: the onomastic data*. Salamanca: Universidad, pp. 131–154.
- VALLEJO SÁNCHEZ, José, ed. (1946) – *Tito Livio, libro XXI*. Madrid: Instituto "Antonio de Nebrija".
- VELAZA FRÍAS, Javier (1991) – *Léxico de inscripciones ibéricas (1976–1989)*. Barcelona: Universitat.
- VELAZA FRÍAS, Javier (1993) – Notas de epigrafía romana de Navarra. *Príncipe de Viana*. 198, p. 75–82.
- VELAZA FRÍAS, Javier (1995) – Epigrafía y dominios lingüísticos en territorio de los Vascones. In BELTRÁN LLORIS, Francisco, ed. – *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente: actas del Coloquio Roma y las primeras culturas epigráficas del Occidente mediterráneo (siglos II a.E. – I d.E.) (Zaragoza, 4 a 6 de noviembre de 1992)*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", pp. 209–218.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2005) – Tras las huellas del femenino en ibérico: una hipótesis de trabajo. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 7, pp. 139–151.
- VELAZA FRÍAS, Javier (2006) [2007] – Tras las huellas del femenino en ibérico: una hipótesis de trabajo. *Palaeohispanica*. 6, pp. 247–254.

- VICENTE REDÓN, Jaime D.; PUNTER GÓMEZ, María Pilar; ESCRICHE JAIME, Carmen; HERCE SAN MIGUEL, Ana Isabel (1991) – La Caridad (Caminreal, Teruel). In *La casa urbana hispanorromana* (Zaragoza, 16 al 18 de noviembre de 1988). Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”, pp. 81–129.
- VICENTE REDÓN, Jaime D.; PUNTER GÓMEZ, María Pilar; ESCRICHE JAIME, Carmen; HERCE SAN MIGUEL, Ana Isabel (1993) – Las inscripciones de la “casa de Likine”. In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. – *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica* (Colonia, 25–28 de noviembre de 1989). Salamanca: Universidad, pp. 747–772.
- VIDAL MORENO, Joan Carles (2015) – El origen lingüístico de la antroponimia vasca. *Arse*. 48–49, pp. 103–150.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (1999) – Los topónimos meridionales de la serie *ipo*. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; BELTRÁN LLORIS, Francisco, eds. – *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas* (Zaragoza, 12 a 15 de marzo de 1997). Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”, pp. 685–718.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (2000) – *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania prerromana: las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*. Salamanca: Universidad.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco; JORDÁN CÓLERA, Carlos (2001) – Consideraciones generales sobre el contenido del IV Bronce de Botorrita. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; DÍAZ SANZ, María Antonia; MEDRANO MARQUÉS, Manuel María; JORDÁN CÓLERA, Carlos – *El IV Bronce de Botorrita* (Contrebia Belaisca): *arqueología y lingüística*. Salamanca: Universidad, pp. 133–153.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (2005) – Indoeuropeos y euskaldunes en el País Vasco y Navarra. Genes, lenguas y topónimos. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca María – *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, pp. 367–514.
- VIVES Y ESCUDERO, Antonio (1924) – *La moneda hispánica: tomo IV*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- VIZCAÍNO ESTEVAN, Antonio (2011) – Imágenes, texto y prácticas en femenino: la mujer y la cerámica del Tossal de Sant Miquel (Lliria, València). *Saguntum*. 43, pp. 125–132.
- VIZCAÍNO ESTEVAN, Antonio (2015) – Productores, usuarios y usos de los vasos singulares del Tossal de Sant Miquel de Lliria (Valencia). *Verdolay*. 14, pp. 67–88.